



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

<http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v43i2.3044>

A veia poética na identidade devota

The poetic vein in the devote identity

Wagner Lima Amaral*

Resumo

A veia poética na identidade devota é o tema deste artigo que objetiva considerar, através da análise bibliográfica, a dinâmica da devoção popular do sertanejo nordestino a Padre Cícero, criando seu espaço de transcendência e imanência em meio ao lugar em que vive. A preservação desse espaço por meio da devoção, não somente estabelece novas dinâmicas para o sofrido sertanejo como influencia determinantemente em sua própria identidade, acrescentando ou acentuando características como uma visão poética da realidade. Tal característica influencia na formação de sua identidade, tornando-o autor e ator de sua própria realidade, inventor de uma dinâmica bela e esperança para a vida; na qual ressignifica antigos conhecimentos, tornando-os aplicáveis em seu novo contexto, criando uma resistente esperança na qual toda a realidade é entendida, interpretada e vivida em forte tonalidade mística cristã, trazendo significado para esta vida e a por vir, numa perspectiva escatológica triunfal. Assim, é o devoto que determina a preservação da vida ao sertanejo por meio de seu espaço.

Palavras-chave

Religiosidade popular. Devoção sertaneja. Identidade. Padre Cícero. Cordéis.

Abstract

The poetic vein in the devotional identity is the theme of this article that aims to consider, through the bibliographical analysis, the dynamics of the popular devotion of the northeastern sertanejo to Padre Cícero, creating his space of transcendence and immanence in the middle of the place where he lives. The preservation of this space through devotion not only establishes new dynamics for the suffering sertanejo but also influences decisively in its own identity, adding or accentuating characteristics as a poetic vision of reality. This characteristic influences the formation of his identity, making him the author and actor of his own reality, inventor of a beautiful dynamic and hope for life; In which it reaffirms ancient knowledge, making them applicable in its new context, creating a resilient hope in which all reality is understood, interpreted and lived in strong Christian mystical tonality, bringing meaning to this life and to come, in a triumphal eschatological

[Texto recebido em junho de 2017 e aceito em janeiro de 2018, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Doutor em Ciências da Religião. Faculdade Batista do Cariri. E-mail: amaralwl@uol.com.br

perspective. Thus it is the devotee who determines the preservation of life to the sertanejo through his space.

Keywords

Popular religiosity. Bluegrass Devotion. Identity. Padre Cicero. Twine.

Introdução

*Termino aqui meus versos
que contam a história
do Juazeiro do Norte
e do Padre Cicero a vitória.
Hoje, mais de 150 mil na cidade
vivem, crescem, na verdade
e cultuam sua memória.¹*

A difícil e indesejável realidade do sertanejo em meio ao contexto de seu *lugar*.² Uma realidade de complicada vivência e aceitação, seja pelo próprio sertanejo seja por aqueles que de alguma forma tiveram poder de influência e de decisão sobre sua realidade como os governantes que, apesar de algumas tentativas, progrediram no caminho da negação ou do *lavar as mãos* ou mesmo do usufruir do sofrimento alheio em benefício próprio para a manutenção do poder.

O sofrimento de seu *lugar* move o sertanejo a um movimento de expansão, buscando a esperança na invenção de seu *espaço* – a particularização do viver a partir de um *lugar*, a formação de um mundo próprio, trazendo distinções para com o *lugar*; porém, não se distanciando por completo já que suas nuances se dão como reação às leis do *lugar*. E, em meio a essa construção inovadora (ou mesmo desesperada) percebe-se o surgimento não somente de um novo contexto de vida quanto ao *espaço*; mas, similarmente, acréscimos no exercício de formação da identidade daquele que o estabelece (ou o assume); afinal, o fruto de seu *espaço* está diretamente ligado às suas percepções e sentimentos, e sua interação e inculcação acerca desses tende a estabelecer novas características ou novos padrões interpretativos e reacionários para características já existentes, o que, de qualquer forma, implica em mudanças profundas.

Neste artigo, almejamos vislumbrar uma dessas características, resultantes da devoção do sertanejo,³ determinantes para a preservação de seu *espaço* no *lugar* em que vive. Usufruiremos de referenciais em comum, podendo ter a influência maior de um ou

¹ BARBOSA, Jackson. *Padre Cícero e Juazeiro, ontem e hoje*. Cordel de Jackson Barbosa, 1984.

² Partindo das considerações de Michel de Certeau em seu livro *A invenção do cotidiano*, consideraremos como o sertanejo, através de sua devoção, assume e estabelece em meio a *seu lugar de crise*, um *espaço de esperança*. Esta dinâmica em constante tensão, promovida, especialmente, por sua devoção. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999.

³ Especificaremos o sertanejo devoto de Padre Cícero no sertão nordestino brasileiro.

de outro em determinado ponto em conformidade com as áreas a serem abordadas. Além do uso ilustrativo de cordéis, usaremos de forma mais abrangente João Gaspar Simões, em seu livro *O mistério da poesia, ensaios de interpretação da gênese poética*, e George Steiner, em seu livro *Gramáticas da criação*; e de forma pontual, usufruiremos das contribuições de Gaston Bachelard, em seu livro *A poética do espaço*.

Desejamos entender sua assimilação da contribuição da poesia para a prática do transcender, tornando-o um inventor de sua própria realidade – ou, em um aspecto mais desejável, da existência da beleza em seu mundo. Como inventor não somente se vê como autor, mas também como parte da obra (ator), devido à mudança de sua percepção da realidade (compreensão que será complementada na consideração de sua visão mística da vida).

O devoto como construtor de seu espaço

O sertão é um *lugar* que inspira certezas e contradições. Em uma multiplicidade de visões em que o preconceito encontra terreno fértil para seu estabelecimento, as contradições surgem a partir do desconhecimento do *lugar*, pelo menos na perspectiva de quem o habita – verdadeiro conhecedor de sua realidade. Há certezas consagradas como a de que o sertão é um *lugar* de difícil vivência pela escassez que a natureza lhe proporciona somado à interferência humana (ou a ausência desta) – limitação de água, períodos de secas, vegetação de fruto pouco aplicável, distanciamento dos grandes centros com seus variados recursos, acesso complicado à região, indiferença governamental e uso político indevido. Porém, estas certezas somadas às particulares interpretações estabelecem contradições, principalmente por duas razões: a primeira, o raso conhecimento do sertão na perspectiva do sertanejo e uma indisposição de considerar sua visão por desconfiar de seus conhecimentos e pressupostos; a segunda razão, que se desenvolve a partir da primeira, é a ignorância quanto à influência que sua devoção religiosa estabelece sobre a visão da realidade e a vivência desta.

Saberes e costumes tradicionais são transmitidos de uma geração a outra, sendo reelaborados continuamente. Os sertanejos recorrem às suas sabedorias tradicionais frequentemente, seja por questão de confiança/desconfiança – confiam naquilo com que convivem desde tempos remotos e são reticentes as novidades – seja por não estarem convencidos quanto à eficácia de novos meios proporcionados pela ciência e a técnica ou, ainda, por considerarem inacessíveis os recursos advindos da ciência e da técnica.⁴

⁴ José Joberto Montenegro Sousa desenvolve esta questão, objetivamente, mostrando o preconceito elitista para com a produção sertaneja e, portanto, a necessidade de considerá-la sem o pressuposto da repressão e desautorização. Apesar de que, na perspectiva sertaneja, a mesma atitude preconceituosa se dá pela ignorância ou desconfiança para com os saberes externos ao seu mundo (sua realidade). Cf. SOUSA, José Joberto Montenegro. Narrativas da Poética popular sertaneja: Enunciados de beleza e verdade. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2011.

O olhar do poeta sertanejo semeia um encantamento que contradiz a opinião caracterizada pela pobreza, escassez e improdutividade dessas terras. Não a nega, mas sim questiona a forma como é vista, assim como o resultado atribuído. E este distanciamento parece ser aumentado e sacramentado em meio à influência da devoção sertaneja. Se há distanciamento na percepção de seu *lugar*, torna-se ainda maior na ignorância de seu *espaço* com toda a transformação e acréscimos que sua transcendência proporciona, incluindo sua percepção da imanência divina em sua realidade.

*Para nós, estudiosos
das santas leis naturais
acontecimentos tidos
como sobrenaturais
são explicados à luz
das leis espirituais.*

*Mesmo que os homens queiram
pensar como São Tomé
só vendo é que acreditava
a nossa missão não é
pregar nos corações duros
semente alguma de fé.*

*A fé é um sentimento
que o homem tem ou não tem
quem tem fé vive feliz
quem não tem vive também
não damos fé nem tiramos
do coração de ninguém.*

*De coração veneramos
o padre Cícero Romão
um santo conhecedor
dos problemas do sertão,
das dores dos camponeses,
da fome da região.⁵*

Dentre suas expressões poéticas, a literatura de cordel tem-se revelado como o mais farto fruto da capacidade criativa de um povo que, em sua maioria, por longo tempo, desconhece o código escrito, mas vive a poesia como manifestação de liberdade do corpo e da voz. Poesia de repercussão, originalmente vinculada à oralidade, mas que se materializa na forma escrita, por meio da qual enunciam constatações, argumentos, proposições e respostas para os problemas de sua realidade.

É através desta forma poética que o sertanejo traduz uma maneira de enunciar o mundo e ao mundo as belezas (verdades) e denunciar as injustiças (inverdades). Fazer (e viver) a poesia é “*contar verdade, falar contra a injustiça. A beleza da poesia consiste na*

⁵ SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Milagre da Cidade Santa*. Cordel de Gonçalo Ferreira da Silva, 2005.

verdade".⁶ Assim, fazer verso em linguagem popular constitui-se modo de demarcar a identidade com a fala, o pensar e o viver sertanejo, revelando marcas de experiência e sabedoria próprias. É a qualidade de uma dinâmica capaz de atualizar-se continuamente ao constatar fluentes formas de percepção da realidade, além do poder de anunciar argumentos em defesa de sua tradição.

*Um num milhão de habitantes
é possível que conteste
os supremos atributos,
o divino dom celeste,
do santo do Juazeiros
e Deus de todo o Nordeste.
Há quem ache exagerada
esta nossa afirmativa,
entanto não conhecemos
personalidade viva
que mereça sequer uma
análise corporativa.*

*O desprovido de luz
é duro e intransigente;
há também o orgulhoso
radicalmente descrente
por falta de quem ensine
elucidativamente.*

*Num país escambichado
por tanta chaga moral
precisava de um pastor
com dote celestial
que reconduzisse as reses
a mais humano curral.⁷*

Da memória do povo à originalidade da expressão literária, o cordel refaz e redireciona a visão artística aplicada à recriação, acentuando que inovação e tradição estão lado a lado. O que resulta em uma mistura de histórias e cantorias lidas ou ouvidas, de vivências que expressam o modo de ser, agir e interagir de um povo sensível ao coração que ouve, ao ouvido que canta, à boca que vê e aos olhos que sentem.

Contar ou ouvir uma história, um caso, um repente é produzir sentidos. A voz do poeta é a voz de tantos outros, pois, através dele se compreende o que os outros sentem. Esses sentidos que brotam do poeta podem, interagindo com a vida, funcionar como um conselho: "Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre

⁶ PATATIVA DO ASSARÉ. Entrevista concedida a Maria Antonieta Antonacci, em 24 de agosto de 1999. Gravada em Assaré/CE.

⁷ SILVA, Gonçalo Ferreira da. *O evangelho primeiro do Pe Cícero Romão*. Cordel de Gonçalo Ferreira da Silva, [s.d.].

a continuação de uma história que está sendo narrada".⁸ Para o sertanejo a maneira como se conta uma história está intimamente ligada ao modo de vida; por isso, a força da narrativa é que os tornam narradores por excelência. Porém, a narrativa só adquire força quando ganha um caráter utilitário, ilustrativo: "A narrativa tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa forma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos".⁹ Isto comprova que o poeta está ligado ao seu tempo. Contudo, no seu verso ele pode transcender o tempo, projetando com suas imagens poéticas os tempos: passado ou futuro, no presente. Ao produzir as imagens poéticas provoca vínculos. Bachelard fala desse processo de vinculação, de enraizamento que a poesia provoca:

A imagem que a leitura de um poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. Recebemo-la, mas nascemos para a impressão de que poderíamos criá-la, de que deveríamos criá-la. A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser. No caso, ela é a expressão criada do ser.¹⁰

Assim, o poeta pode reforçar os vínculos e tradição ou provocar – romper e apontar para novos valores. O paradoxo e os conflitos se expressam na sua capacidade inventora e a poesia seduz por meio da imaginação. Segundo Gaston Bachelard, esta "imaginação poética é uma emergência da linguagem, estando sempre acima da linguagem significante".¹¹ Ao reagir aos poemas tem-se a experiência salutar da emergência. Uma emergência que se renova, dando à vida um aspecto vívido, como afirma Bachelard:

Um grande verso pode ter grande influência na alma de uma língua. Ele desperta imagens apagadas. E ao mesmo tempo sanciona a imprevisibilidade da palavra. Tornar imprevisível a palavra não será uma aprendizagem de liberdade? Que encanto a imaginação poética encontra em zombar das censuras! Antigamente, as artes poéticas codificavam as licenças. Mas a poesia contemporânea colocou a liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia surge então como um fenômeno de liberdade.¹²

⁸ BENJAMIM, Walter. O Narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232. à p. 200.

⁹ BENJAMIM, 1985, p. 200.

¹⁰ BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 188. (Coleção Os Pensadores)

¹¹ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 11.

¹² BACHELARD, 2000, p. 11.

Para Bachelard, um espírito realista diante da imaginação poética é taxativo, atribuindo-lhe insustentabilidade por sua irrealidade.¹³ Para o realista, tudo o que é irreal se parece já que as formas estão submersas e afogadas na irrealidade; porém, para um espírito sonhador a realidade está em tudo, pois tudo serve de motivação para a renovação da vida.¹⁴

É este mistério da poesia que João Gaspar Simões discute em seu livro *O mistério da poesia*, questionando a insistência de muitos em sua inacessibilidade. Partindo da crítica ao pressuposto da suficiência da razão, busca mostrar não somente a possibilidade de compreensão da poesia como também a alegria resultante da beleza por ela proposta. Alegria que lhe arrebatava com uma lógica, uma sintaxe existente, porém, diferente da proposta pela razão em que o concreto é estabelecido. O resultado é uma felicidade infantil contagiante:

Não sinto aquela permanência do concreto onde habitualmente permaneço. Alguma coisa evita deixar-me estar onde estava, sentando numa cadeira, entre as mais familiares realidades da minha existência. Que será? E, insensivelmente, embora não possa dominar logicamente o poema, alguma coisa me arrasta, me transporta, me rapta. Não sei, porém, o que é. Por momentos, revolto-me: é infantil, é fútil, é absurdo, o que me rapta, o que me transporta, o que me arrasta. De vez em quando retorno contato com a minha felicidade racional. Encontrei um verso exprimindo um pensamento lógico, coerente, perfeito... E, lentamente, por virtude da mesma força que me arrasta, me transporta, me rapta, regresso à minha existência mais íntima. Volto a ser eu, embora muito longe da felicidade quotidiana da minha razão. Experimento uma felicidade diferente: a felicidade dos sonhos, dos desmaios, dos grandes e fugazes momentos em que não analiso, não raciocínio, não exijo lógica. Experimento a felicidade que certos recantos sonoros da noite, onde um cego canta e toca, me fazem sentir. Experimento, mesmo, uma felicidade diferente de todas as felicidades: experimento uma felicidade que só a poesia é capaz de provocar.¹⁵

Simões expressa o resultado de sua iniciativa em analisar criticamente uma poesia. Cria-se nele, no decorrer da leitura, uma crise na tentativa da razão em estabelecer a crítica e em diagnosticar a poesia. Ao passo em que a leitura é desenvolvida, o resultado é que a razão cede espaço não para a ausência de lógica, mas para uma lógica diferente que

¹³ Analisando a formação dos espaços pelo poder da imaginação em seu livro *A poética do espaço*, Bachelard afirma serem *espaços louvados*. Ao seu valor de proteção, que pode ser positivo, ligam-se também valores imaginados, e que logo se tornam dominantes. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em especial, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem. No reino das imagens, o jogo entre o exterior e a intimidade não é um jogo equilibrado. BACHELARD, 2000, p. 19.

¹⁴ BACHELARD, 2000, p. 69.

¹⁵ SIMÕES, João Gaspar. *O mistério da poesia, ensaios de interpretação da gênese poética*. Porto-Portugal: Inova, 1971. p. 43.

somente a poesia pode estabelecer, em se tratando de vida. O que faz transparecer a fragilidade do conhecimento racional e da certeza científica quanto ao conceder vida.

Isto se dá pelo fato de que os poemas, resultado da produção do poeta, não são meras palavras e organização sistemática, mas realizações, expressões formais da alma:

O poeta serve-se do poema para se exprimir, para comunicar o que quer que seja que sente como imperioso exprimir. Daí antes das palavras e das orações existir a sua individualidade psicológica, isto é, uma entidade que experimenta sensações, ideias, representações, lembranças, volições, emoções, etc., que não são originariamente nem palavras, nem orações, mas movimentos, estados imagens. Quer dizer: os movimentos espirituais, os estados psicológicos, as imagens sensoriais, precisam de converter-se em verbo, em lógica. Os seus poemas são, portanto, realizações, precipitações formais – de espírito.¹⁶

Dessa forma, faz-se necessário ler o poema não intelectualmente, mas em outra perspectiva – a da alma para experimentar suas virtualidades latentes.

O devoto como autor e ator de seu espaço

Assim, a poesia é, antes de qualquer coisa, criação. Não uma criação *ex-nihilo*, mas, ao contrário, “*uma criação daquilo que extrai do tudo*”.¹⁷ É uma criação mediata, em que se estabelece a continuidade, a extensão da existência – tanto do poeta como de toda a vida. Por isso, segundo Simões, “*todas as suas interrogações nos parecem naturais; pois, perante a vida toda a interrogação é possível*”.¹⁸

Por isso, o poeta despreza as aparências, as causas físicas imediatas de um fenômeno. Seus esforços são voltados para a compreensão de um princípio transcendente, místico, espiritual. Como apresenta Simões:

O homem adulto, o “sábio”, conhece as experiências pretéritas dos outros homens através dos livros: o seu conhecimento elaborado desde o princípio do mundo, e continuamente acrescentado, só o deixa interrogar a partir do ponto em que não encontra mais respostas formuladas. O “primitivo” desconhece todas as experiências que não sejam as suas. Os seus conhecimentos não assentam em nenhuma base científica. Experimenta pela primeira vez a realidade. O que, de resto, acontece sempre que, na verdade, a ciência acrescenta os seus tesouros. O próprio sábio quando descobre alguma verdade nova fá-lo na maior indiferença das verdades conhecidas. Vê o mundo pela primeira vez.¹⁹

¹⁶ SIMÕES, 1971, p. 45.

¹⁷ SIMÕES, 1971, p. 49.

¹⁸ SIMÕES, 1971, p. 49.

¹⁹ SIMÕES, 1971, p. 50.

Assim, para Simões, o mistério da poesia é o mistério da criação, da recriação, inacessível aos princípios racionais; simplesmente é o que é, o que flui, o que nasce e renasce. Buscar aprofundar-se deste mistério é o mesmo que aprofundar-se do mistério da vida.

O que Simões chama de criação ou recriação é desenvolvido por George Steiner, em seu livro *Gramáticas da criação*, como invenção. Steiner trabalha a dinâmica *criação x invenção*, atribuindo à *criação* o poder do imediato que maravilha, porém, em tom sério e reverente. No entanto, atribui à *invenção* o poder mediato – mais natural ao ser humano em que o humor está presente, incluindo a possibilidade da mentira; isto é, do lidar com a irrealidade. Quando, por exemplo, falamos a alguém: “*não invente!*”, normalmente atribuímos o conceito de mentir ou de contar histórias. Assim, o poder de inventar é atribuído ao poeta (homem), tendo a oportunidade de dar continuidade à criação (obra divina) como sua reação ao que dela percebe e experimenta, estabelecendo assim continuidade, mesmo que com novos aspectos, quando definidos.²⁰ Eis sua afirmação:

Os elementos e os componentes de toda produção artística são na verdade preexistentes; são componentes que trazem em si, em certos casos, uma sobrecarga determinante. Mas os espaços que se abrem para todo tipo de transmutações inovadoras são imensos e sem fim.²¹

É bem possível que sintamos e compartilhemos com outras sensibilidades normais a reveladora convicção do senso comum de que os personagens inventados pela literatura e pelas artes pertencem a uma ordem de realidade diversa da realidade das pessoas. No entanto, não altera em nada o fato de que a realidade alternativa da arte exerça sobre nossas consciências e nossas vidas cotidianas uma pressão que supera aquilo que definimos como *o real* tanto em relação à sua presença tangível, ao seu impacto invasivo e à sua capacidade de imprimir-se em nossa memória.²²

Para Steiner, nessa perspectiva, o ouvinte, o espectador ou o leitor hipotético é cúmplice desse mistério. É graças aos níveis de abertura e empatia de sua recepção que a ficção é legitimada e que pode passar a habitar a memória subjetiva e a operar uma transmissão cultural.²³ Dessa forma, a armadura da poesia tem sido, em grande medida, teológica. O lidar e o caminhar com o desconhecido tem se mantido no coração da poesia. Steiner questiona e responde: “*Pode haver, haverá algum dia filosofia, literatura, música e arte de importância que tenham sido inspiradas pelo ateísmo? Até agora, manifestações de um ateísmo*

²⁰ STEINER, George. *Gramáticas da criação*. São Paulo: Globo, 2003. p. 119-125.

²¹ STEINER, 2003, p. 155.

²² STEINER, 2003, p. 177.

²³ STEINER, 2003, p. 183.

autêntico têm sido raras".²⁴ Para ele, nem o ateísmo consegue escarnecer da hipótese-Deus. O que pode é testemunhar uma privação sombria:

O ateísmo pode obrigar a uma disciplina moral e um altruísmo dos mais rigorosos, impondo ao escritor ou ao pensador uma solidão ainda mais austera. [...] Suponhamos que o ateísmo vá possuir e fortalecer aqueles que são os mestres da forma articulada e os grandes construtores do pensamento. Suas obras conseguirão rivalizar com as dimensões, os transfiguradores poderes de persuasão que já conhecemos?²⁵

É nesse sentido que, para Steiner, temos sido hóspedes da criação, o que nos obriga mais a reagir à existência. Por isso, a devoção torna-se próspera desenvolvedora de uma veia poética, fazendo do devoto não simplesmente um apreciador da arte – um contemplador da criação, mas um participante ativo dela mesma, um inventor que a partir de sua cosmovisão se junta aos que partilham da mesma perspectiva para, coletivamente, estabelecer seu *espaço*. Há, portanto, uma sintonia real entre o poeta e aos que representa – seja por descrevê-los seja por representá-los ou mesmo para lembrá-los de seu *espaço*, permeado pela dinâmica da *transcendência x imanência* referente ao conhecido – criado e, portanto, pré-estabelecido.

Logo, no contexto de devoção sertaneja, cabe ao poeta popular apossar-se da herança memorizada, repetida e recriada no contexto, usando uma voz que, como toda voz, não é apenas sua, mas de uma coletividade. E, ao devoto sertanejo, cabe apropriar-se da poesia carregada de significados, servindo-se assim tanto para manter sua devoção como para encontrar-se como agente de sua própria realidade.

Conclusão

Sua devoção estende-lhe a visão e alarga a compreensão além de seu limitado *lugar*, possibilitando-lhe uma realidade em que a beleza é estabelecida pelo diálogo com o divino e com um povo à sua semelhança. Ao transcender seu *lugar*, torna-se autor de um *espaço* que jamais é partilhado na solidão; ao contrário, vislumbra novas possibilidades pelo favor divino, através de um representante que lhe pastoreia. Assim, a dor e o sofrimento podem ser acompanhados (ou confrontados) pelo conforto e a esperança de dias melhores. Partilha também de um *espaço* coletivo em que a alegria da comunhão e a responsabilidade pela preservação devocional o transformam não somente em espectador, mas em autor e ator da própria vida, instigando-lhe ao gosto pela criatividade. Torna-se criativo em *inventar* a partir do que recebeu em sua tradição religiosa. Uma ação mediata como resposta à compreensão da ação imediata de Deus em seu favor. Desta forma,

²⁴ STEINER, 2003, p. 355.

²⁵ STEINER, 2003, p. 355-356.

incorpora uma *veia poética*, semeando um encantamento que contradiz com as características de seu *lugar*.

Em meio à arte de inventar, o devoto passa a apreciar seus ecos como a poesia na literatura de cordel em que o poeta se torna extensão de sua opinião e voz – menos um profeta e mais um representante relembrando e enaltecendo acerca de seu *espaço*, permeado pela dinâmica da *transcendência x imanência*. O devoto, assim, não mais enxerga o mundo pela predominância cinza das aparências e das causas físicas imediatas, mas, sim, pela predominância colorida da compreensão de um princípio transcendente, místico, espiritual.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)

_____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Jackson. *Padre Cícero e Juazeiro, ontem e hoje*. Cordel de Jackson Barbosa, 1984.

BENJAMIM, Walter. O Narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PATATIVA DO ASSARÉ. Entrevista concedida a Maria Antonieta Antonacci, em 24 de agosto de 1999. Gravada em Assaré/CE.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Milagre da Cidade Santa*. Cordel de Gonçalo Ferreira da Silva, 2005.

_____. *O evangelho primeiro do Pe Cícero Romão*. Cordel de Gonçalo Ferreira da Silva, [s.d.].

SIMÕES, João Gaspar. *O mistério da poesia, ensaios de interpretação da gênese poética*. Porto-Portugal: Inova, 1971.

SOUSA, José Josberto Montenegro. Narrativas da Poética popular sertaneja: Enunciados de beleza e verdade. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2011.

STEINER, George. *Gramáticas da criação*. São Paulo: Globo, 2003.